

# ECOS MECÂNICOS

A máquina de escrever e a prática artística



profilograma: dp

a geléia geral  
que te dava até o nome  
não engoliu o teu  
décio pignateri  
medula e osso  
não emparelharam  
teu coração carbonário  
capaz de pedra  
e pedrada  
de avanço e de avesso  
de pensar o impensável  
ler o ilisível  
signar o insignável  
de quebrar a cara  
e pedir perdão  
oswald pound dante  
vão compondo  
um pouco  
o teu perfil cortante  
de mallarmé calabrês  
que acaso osasco  
lançou nos dados  
para um lance de três  
e no entanto  
e no entanto  
ninguém tanto  
quis vida  
como o teu  
quimorte  
LIFE organismo hombre  
o bioamor de ser  
humano  
sem chorar ou vender  
tô pra vocês  
para per por  
os teus 60  
e com ternura  
a minha mão  
de irmão  
mano

augusto de campos  
agosto 1987



Carlos Roberto Ferreira Brandão • Diretor MAC USP

A exposição *Ecos Mecânicos: a máquina de escrever e a prática artística* explora a história deste instrumento que, até a década de 80 do século XX, está presente em grande parte das residências, e sua utilização no campo do fazer artístico. Historicamente, a mostra revela o papel de um inovador brasileiro de meados do século XIX, o padre João Francisco de Azevedo, mas além disso, pontua os passos da trajetória deste objeto e explorando seus usos, com base em exemplares e documentos da coleção do Museu Paulista (MP) e do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) - instituições ligadas à Universidade de São Paulo.

No núcleo artístico, a mostra investiga o emprego da máquina de escrever por artistas de várias matrizes e idades, a partir de obras que empregaram a datilografia e sua potência, ao longo de quase um século, a partir primordialmente do rico acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. A lista de obras inclui trabalhos seminais da poesia concreta e de artistas das décadas de 1970 em diante, até os mais contemporâneos, de diversas nacionalidades.

Catalisando essas energias, o Setor Educativo do museu organizou, com a curadora, docente e pesquisadora do MAC USP, Profa. Cristina Freire, programa de ativação da mostra, oferecendo ao público, em especial aos mais jovens, a possibilidade de, vejam vocês, datilografar.

Assim, o MAC USP apresenta, com muito orgulho, mais uma exposição motivada e resultante de pesquisa acadêmica multidisciplinar, com a participação do Convênio com Artists' Publication Research Center e Universidade de Bremen (Alemanha) e com colaboração de instituições parceiras, traduzida e mediada de forma que se pretende instigante e inspiradora.

Agradecemos aos responsáveis e aos colaboradores, em especial às instituições e colecionadores que emprestaram obras, objetos e documentos para construção desta narrativa sobre a máquina de escrever e a prática artística.



Ambientação da exposição e detalhe da obra de Elida Tessler, *Carta ao Pai*, 2015

## ECOS MECÂNICOS

### A máquina de escrever e a prática artística

Cristina Freire

A máquina de escrever evoca um passado próximo. Seu anacronismo tátil e mecânico destoa do mundo digital onde se tornou uma curiosidade. Como uma espécie de tipografia padrão, a máquina de escrever funcionou, até há algumas décadas, como uma prensa portátil e acessível capaz de associar a escrita, a fala e a publicação. A sonoridade característica das teclas torna a máquina de escrever um instrumento musical percussivo.

Sua arqueologia no Brasil revela um inventor desconhecido, o padre João Francisco de Azevedo (1814-1880), que ousou criar uma máquina de escrever no século XIX, no contexto de uma sociedade colonial e escravocrata. Há estudos que sustentam que seu projeto foi entregue a agentes estrangeiros e atesta um exemplo precoce (e mal conhecido) de extrativismo intelectual no Brasil.

Como dispositivo de escrita mecânica, a máquina de escrever situa-se entre polos antagônicos: a burocracia e a arte. No Brasil, a burocracia é parte da vida cotidiana. Preencher formulários, provar que uma pessoa é ela mesma envolve muitos registros e extensa papelada. Como dispositivo moderno, a máquina de escrever pode ser considerada uma tecnologia de liberação, pois favoreceu a emancipação feminina com a profissionalização da secretária e a formação técnica da datilógrafa, apoiada em escolas, cursos e manuais. As listas de palavras totalmente desarticuladas que vemos nos antigos manuais de datilografia fazem lembrar da poesia dadá.

Nas correspondências entre poetas, a máquina de escrever foi protagonista. As cartas datilografadas têm muitas vezes como tema a própria máquina. “Nossos instrumentos de escrita estão trabalhando em nosso pensamento”, escreveu o filósofo Nietzsche ao adquirir sua máquina de escrever. Nas primeiras décadas do século XX, Mário de Andrade chama de

*Manuela*, em homenagem a Manuel Bandeira, sua máquina Remington. Nas páginas da *Revista de Antropofagia*, lê-se em letras mecânicas o *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade, entre outros manifestos e poemas.

Os poetas concretos, desde meados dos anos 1950, tiveram com a máquina de escrever uma parceria de plano e projeto, distante do artesanal. O espaçamento padrão e o branco da página funcionaram como elementos gráficos-estruturais. Com máquinas de escrever muitos artistas contemporâneos realizaram trabalhos em processos *intermedia*, resultando em poesia visual, incluindo cartas-poemas, poemas concretos, datiloscritos; datiloarte.

Publicações marginais circularam como envios postais e associaram-se aos meios de reprodução mais fácil naquele momento como o papel carbono, o mimeógrafo e o *xerox*. Muitos trabalhos chegaram de diversas partes do mundo para participar das exposições no MAC USP. Poemas visuais, publicações, manifestos, programas de ações e performances, descritivos de situações, ambientes e ações-partituras, fotografias com textos, etc.

Há uma significativa diferença no uso da máquina de escrever pelos artistas antes e depois da nossa era digital. No princípio, até meados da década de 1980, os artistas valeram-se dos recursos da máquina como dispositivo de escrita mecânica na construção da imagem-letra-palavra.

Hoje, o desuso da máquina de escrever, que oscila entre a inutilidade prática e o eclipse total, é índice do desaparecimento programado de todas as coisas. Sua obsolescência sugere a possibilidade da emergência de novos sentidos poéticos e políticos, que tensionam esse vão indefinido entre o futuro e passado.





Ambientação da exposição  
e detalhe da obra de  
Rosana Ricalde  
*Tecido de Penélope*, 2013



Carlos Roberto Ferreira Brandão • Director MAC USP

The exhibition *Mechanical Echoes: The typewriter and the artistic practice* explores the history of this device, which could be found in most households until the Eighties, and its use in the field of the arts. Historically, the exhibition reveals the role of Father Francisco João de Azevedo, a Brazilian innovator of the mid-nineteenth century, and also highlights the device's trajectory by exploring its uses, based on editions and documents from the collection of the Museu Paulista (MP) and the Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) – institutions associated to the Universidade de São Paulo.

In its artistic core, the exhibition explores the use of the typewriter by artists of several genres and ages, for over almost a century, based on works in which typing and its power were employed. These works were found mainly in the rich collection of the Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. The list of works of art includes seminal works of concrete poetry and of artists from the 1970s onwards, including the most contemporary and of various nationalities.

Catalyzing these energies, the museum's educational sector, together with the exhibition's curator, MAC USP's researcher and Professor, Cristina Freire, organized a program of activation of the show, offering the public, especially the younger audiences, the possibility of ... typing!

Therefore, MAC USP proudly presents this exhibition, which was motivated by and resultant of a multidisciplinary academic research, with the participation of the Artists' Publication Research Center and the University of Bremen (Germany) and with the collaboration of partner institutions, translated and mediated in a way that is thought provoking and inspiring.

We would like to thank those responsible for this achievement and our collaborators, especially the institutions and art collectors who lent works, objects and documents for the construction of this narrative on the typewriter and the artistic practice.

Javier Del Olmo • 43 estudiantes de Ayotzinapa, 2014

## MECHANICAL ECHOES

The typewriter and the artistic practice \_\_\_\_\_ Cristina Freire

The typewriter evokes a recent past. Its tactile and mechanical anachronism stands out in the digital world where it has become a curiosity item. As a kind of standard typography, the typewriter has worked, until a few decades ago, as a portable and accessible press, capable of associating writing and print, speech and publication. The distinctive sound of the keys turns the typewriter into a percussive musical instrument.

The typewriter's archeology in Brazil reveals an unknown inventor, Father Francisco João de Azevedo (1814-1880), from the state of Paraíba, who, in the 19<sup>th</sup> century dared create a writing machine in the context of a colonial and slave society. Some studies support that his project was delivered to foreign agents and attest to an early (and poorly known) example of intellectual extractivism in Brazil.

As a mechanical writing device, the typewriter lies between two antagonistic extremes: bureaucracy and art. In Brazil, bureaucracy is part of everyday life. Filling out forms, proving that a person is who they claim to be involves many records and extensive paperwork. As a contemporary device, the typewriter can be considered a liberating modern technology, since it favored women's emancipation through the professionalization of secretaries and the technical training of typists, supported in schools, courses and manuals. The utterly disjointed lists of words we see in the old typing manuals remind us of Dada poetry. The typewriter also had a central role in the communication between poets. Typed letters often have the typewriter itself as a theme. "Our writing tools are also working on our thoughts", wrote the philosopher Nietzsche when he got his typewriter. In the early twentieth century, the Brazilian poet Mário de Andrade named his Remington typewriter Manuela in honor of his fellow poet Manuel Bandeira.

In the pages of the Magazine *Revista de Antropofagia*, in mechanical letters one can read Oswald de Andrade's *Anthropophagic Manifesto*, among other manifestos and poems.

Since the mid-1950s, Concrete poets have had a kind of partnership with their typewriters in planning and designing; far from the crafts. The standard spacing and the whiteness of the paper worked as graphic-structural elements. With the typewriter, several modern artists carried out works in intermedia processes, resulting in visual poetry, including letter poems, Concrete poems, typestracts, typewriter art.

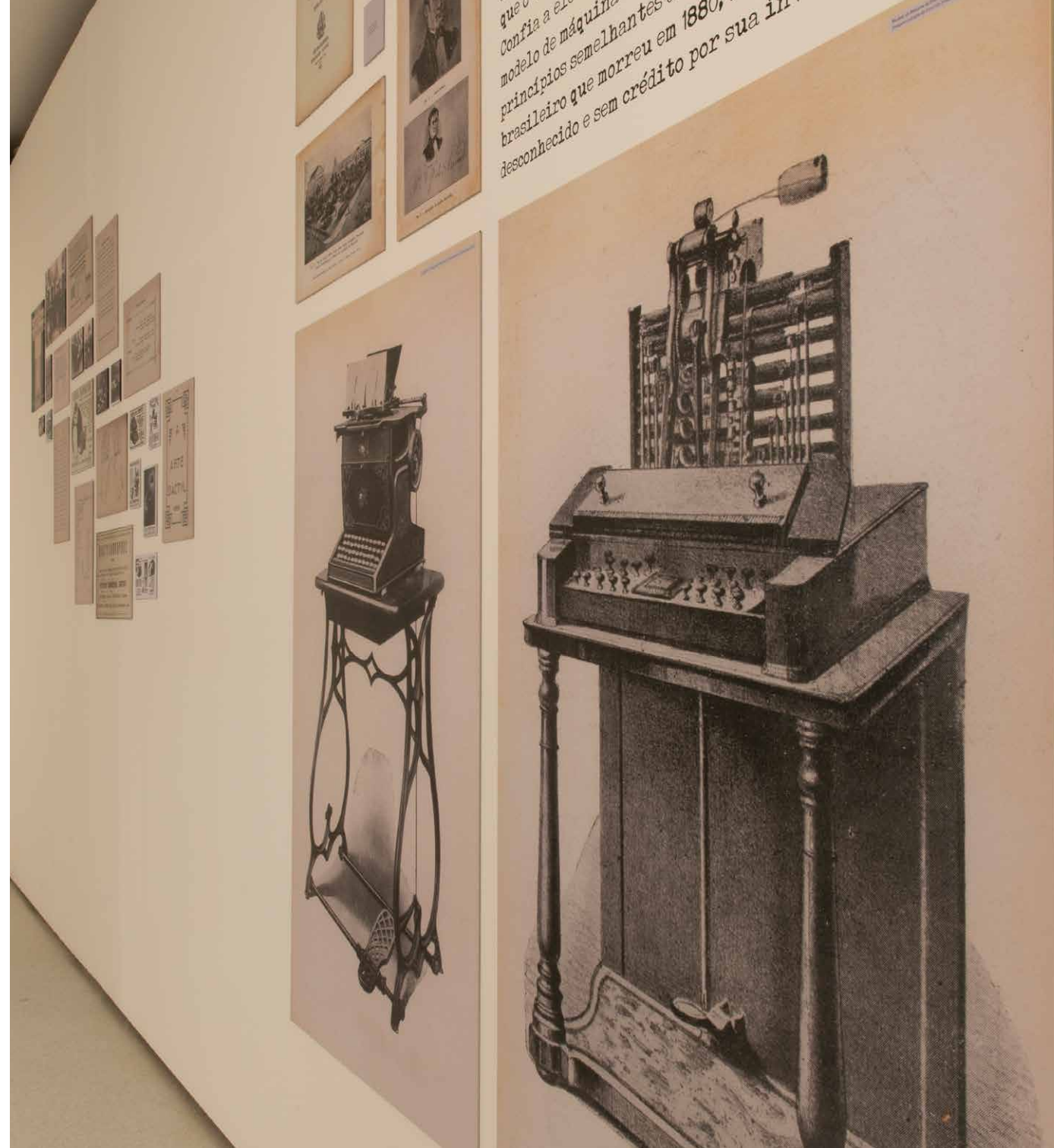
Marginalized typed publications circulated through the mail and were associated with easy means of reproduction, such as carbon paper, mimeograph, and Xerox.

Many works of art came from different parts of the world to participate in exhibitions at MAC USP: Visual poems, publications, manifestos, action programs and performances, descriptions of the situation, environments and action-scores, photographs with texts, etc.

There is a clear difference in the use of typewriters by artists before and after the digital age. In the beginning and until the 1980s, artists used the machine's resources as a writing device in the construction of the image-letter-word. Today, the disuse of the typewriter, which oscillates between obsolescence and total eclipse, is the index of the programmed disappearance of all things. In artistic practice, its obsolescence provokes the emergence of new poetic and political senses, which strain this indefinite gap between the future and the past.



Ambientação  
da exposição





## UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**Reitor** *President* Vahan Agopyan  
**Vice-Reitor** *Vice-President* Antonio Carlos Hernandez

## MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA CONSELHO DELIBERATIVO

**BOARD** Ana Magalhães; Ana Paula Pismel; Ariane Lavezzo; Carlos Roberto F. Brandão (**Presidente** *President*) Cristina Freire; Edson Leite; Eugênia Vilhena; Fernando Piola; Helouise Costa; Katia Canton; Mônica Nador; Rejane Elias; Ricardo Fabbrini; Rosani Bussmann

## DIRETORIA EXECUTIVE BOARD

**Diretor** *Director* Carlos Roberto F. Brandão  
**Vice-diretora** *Vice-director* Ana Magalhães  
**Assessorias** *Consulting* Beatriz Cavalcanti e Vera Filinto  
**Secretaria** *Secretary* Carla Augusto

## PESQUISA, DOCENCIA E CURADORIA RESEARCH, TEACHING AND CURATORSHIP

**Chefia** *Head* Helouise Costa  
**Docentes** *Teaching and Research* Ana Magalhães; Cristina Freire; Edson Leite; Katia Canton; Carmen Aranha (**Professor Sênior**

*Senior Professor*) e Rodrigo Queiroz (FAU USP vínculo MAC USP *Secondary link*)  
**Secretaria** *Secretaries* Andréa Pacheco; Sara V. Valbon

## ACERVO COLLECTION

**Chefia** *Head* Paulo Roberto Barbosa  
**Arquivo** *Archive* Silvana Karpinski  
**Catálogo** *e*  
**Documentação** *Registrar Section* Cristina Cabral; Fernando Piola; Marília Lopes e Michelle Alencar  
**Conservação e Restauração - Papel** *Conservation and Restoration - Paper* Rejane Elias; Renata Casatti e Aparecida Caetano (**apoio** *assistant*)

**Conservação e Restauração - Pintura e Escultura** *Conservation and Restoration - Painting and Sculpture* Ariane Lavezzo; Marcia Barbosa e Rozinete Silva **apoio** *assistant*  
**Conservação Preventiva** *Preventive Conservation* Silva Meira  
**Montagem** *Art handling* Fabio Ramos e Mauro Silveira  
**Secretaria** *Secretary* Regina Pavão

**BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO LOURIVAL GOMES MACHADO** *LIBRARY AND DOCUMENTATION SERVICE*

**Chefia** *Head* Lauci B. Quintana  
**Documentação** *Bibliográfica* *Bibliographic Documentation* Anderson Tobita; Mariana Queiroz e Liduína do Carmo

**COMUNICAÇÃO PRESS**  
**Chefia** *Head* Sérgio Miranda  
**Equipe** *Team* Beatriz Berto e Dayane Inácio

**EDUCAÇÃO EDUCATION**  
**Educadores** *Educators* Andrea Biella; Evandro Nicolau, Maria Angela Francoio e Renata Sant'Anna  
**Secretaria** *Secretary* Ana Lucia Siqueira

**PLANEJAMENTO E PROJETOS: EXPOSIÇÕES E DESIGN** *PLANNING AND PROJECTS: EXHIBITIONS AND DESIGN*  
**Chefia** *Head* Ana Maria Farinha  
**Editoria de Arte, Projeto Gráfico, Expográfico e Sinalização** *Art Editor, Graphic Design, Exhibition and Signage design* Elaine Maziero

**Editoria Gráfica** *Graphic Editor* Roseli Guimarães  
**Produção Executiva** *Executive Producer* Alecsandra Matias de Oliveira  
**Projetos** *Projects* Claudia Assir

**SECRETARIA ACADÊMICA** *ACADEMIC OFFICE*  
**Equipe** *Team* Neusa Brandão e Paulo Markezini  
**Programa de Pós-graduação em Estética e História da Arte** *Postgraduate Program in Aesthetics and History of Art* Joana D'Arc Figueiredo

**SERVIÇO ÁUDIOVISUAL, INFORMÁTICA E TELEFONIA** *AUDIOVISUAL, COMPUTER AND TELEPHONE SERVICE*  
**Chefia** *Head* Marilda Gafarov  
**Equipe** *Team* Bruno Ribeiro; Marta Cilento e Thiago Santos

**SERVIÇO ADMINISTRATIVO E OPERACIONAL** *ADMINISTRATIVE AND OPERATIONAL SERVICE*  
**Chefia** *Head* Juliana de Lucca  
**Apoio Operacional** *Operational Support* Júlio Agostinho  
**Engenharia** *Engineering* José Eduardo Sonnewend

**Secretaria** *Secretary* Sueli Dias  
ALMOXARIFADO E PATRIMÔNIO  
**STOREROOM AND ASSETS**  
**Chefia** *Head* Thiago de Souza  
**Equipe** *Team* Clei Natalício Junior; Marilane dos Reis; Nair Araújo; Paulo Loffredo e Waldireny Medeiros

**CONTABILIDADE** *ACCOUNTING*  
**Contadores** *Accountants:* Francisco Ribeiro Filho e Silvio Corado  
**Apoio** *Assistant* Eugênia Vilhena

**PESSOAL** *PERSONNEL*  
**Chefia** *Head* Marcelo Ludovici  
**Apoio** *Assistant* Nilza Araújo  
PROTOCOLO, EXPEDIENTE E ARQUIVO  
**REGISTER, EXPEDITION AND ARCHIVE**  
**Chefia** *Head* Maria Sales  
**Equipe** *Team* Maria dos Remédios do Nascimento e Simone Gomes

SERVIÇOS GERAIS  
**OPERATIONAL SERVICES**  
**Chefia** *Head* José Eduardo da Silva  
**Copa Kitchen** Regina de Lima Frosino  
**Manutenção Predial** *Maintenance* André Tomaz; Luiz Antonio Ayres e Ricardo Caetano  
**Transporte** *Transport* Anderson Stevanin

**VIGILÂNCIA** *SECURITY*  
**Chefia** *Head* Marcos Prado  
**SPPU USP** Rui de Aquino e José Carlos dos Santos  
**Equipe** *Team* Acácio da Cruz; Alcides da Silva; Antoniel da Silva; Antonio Marques; Clóvis Bomfim; Edson Martins; Elza Alves; Emílio Menezes; Geraldo Ferreira; José de Campos; Laércio Barbosa; Luiz Carlos de Oliveira; Luiz Macedo; Marcos de Oliveira; Marcos Aurélio de Montagner  
**TESOURARIA** *TREASURY*  
**Responsável** *Responsible* Rosineide de Assis

**ECOS MECÂNICOS**  
**a máquina de escrever e a prática artística**  
**Curadoria** Cristina Freire

De 27 de outubro de 2018  
a 27 de outubro de 2019

Realização



MAC USP • [www.mac.usp.br](http://www.mac.usp.br) • Avenida Pedro Álvares Cabral, 1301 Ibirapuera • São Paulo/SP • CEP: 04094-050 • Tel.: (011) 2648 0254 • Terça a domingo das 10 às 21 horas • Segunda-feira fechado • Entrada Gratuita

Obra capa • Giulia Niccolai, *Poema*, 1974  
Registro Fotográfico da Exposição • Elaine Maziero

Apoio

